



Vozes negras e LGBT no documentário *Duas Vezes Senzala*⁶⁰

Gustavo Pozzatti⁶¹

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho trata sobre a pré-produção e a produção do documentário *Duas Vezes Senzala* (2017), que aborda as relações entre racismo e LGBTfobia e se estrutura na vivência de corpos negros gays, lésbicos, transexuais e não-binários e suas formas de empoderamento. Logo, busca-se discutir como os processos de realização (a busca por referências, as entrevistas, os recortes selecionados) desse filme visam representar tais vozes, muitas vezes silenciadas na sociedade e até mesmo na população LGBT.

Palavras-chave: Documentário; Racismo; LGBTfobia; Corpos Negros; Empoderamento.

Resumo expandido

A proposta de realizar o documentário *Duas Vezes Senzala* surgiu a partir de discussões e debates feitos entre amigos durante uma ocupação política. O que me instigou a refletir sobre o que os corpos negros LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros) vivenciam dentro e fora de sua própria comunidade, e também me trouxe uma nova visão sobre o meu próprio corpo negro e gay. A partir desse entendimento inicial de como essas questões (o aspecto racial, gênero e a sexualidade) afetam a mim e a várias outras pessoas, especialmente por meio do silenciamento de suas vozes e da invisibilidade de suas vivências no enfrentamento diário de vários tipos de discriminação, é que o filme surgiu com a ideia de ser um documento, uma denúncia e uma janela para visibilizar esses corpos e vozes. Buscando ter mais proximidade com essas experiências cotidianas, pesquisei em blogs, vídeos e reportagens informações sobre racismo e LGBTfobia.

Na área de cinema, minha principal referência teórica foi Bill Nichols (2001), que destaca a importância do documentário performático na construção de narrativas que se dirijam a nós de maneira emocional e significativa, em vez de nos apontar o mundo objetivo que temos em comum. “O documentário performático busca deslocar seu público para um alinhamento ou afinidade subjetiva com sua perspectiva específica sobre o mundo” (NICHOLS, 2001, p. 170). Porém, eu encontrei uma maior dificuldade ao coletar referências fílmicas, ao passo que a maioria tratava apenas de um dos temas, ou racismo, ou LGBTfobia. Também pude perceber o quanto pessoas LGBT negras

⁶⁰ Trabalho apresentado ao III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

⁶¹ Graduando do curso de Cinema e Audiovisual da UEG. E-mail: gustavopozzatti@live.com



eram silenciadas já que o recorte de raça era sempre esquecido. Dessa forma, encontrei apenas dois documentários estadunidenses, o primeiro, *Línguas Desatadas* (Marlon Riggs, 1989), que foi um norte na pré-produção do meu filme, já que o diretor explora os aspectos subjetivos do que é ser um homem negro gay. O segundo documentário *Paris is burning* (Jennie Livingston, 1990) me direcionou na pós-produção me trazendo questões de representatividade mais amplas do que apenas as do homem gay negro.

Após esse processo de pesquisa, eu pude perceber questões importantes a serem abordadas no filme, como por exemplo a solidão afetiva dessas pessoas, o racismo interno dentro da comunidade LGBT e a violência física, verbal e psicológica sofrida por elas em seu cotidiano, mas para além disso, os diálogos com tais pessoas me mostraram a militância e a força que elas representam em suas respectivas comunidades, trazendo para as entrevistas usadas no filme não só um teor de denúncia, mas também um teor de desbravamento, de resistência e de empoderamento dos corpos negros LGBT, um dos principais eixos do filme, que também foi destacado por meio de performances e poesias, música e dança, como por exemplo, o cover da Luann da música *Bixa Preta* (cantada originalmente por Linn Da Quebrada); a performance de Vogue da Pietra e o Rap autoral da Dough Bee (Figura 1), mostrando assim a potência dessas vozes e corpos negros LGBT, muitas vezes silenciadas nos meios de comunicação e no cinema.



Figura 1 - Performance de Vogue da Pietra e o Rap autoral da Dough Bee



Duas Vezes Senzala conseguiu alcançar um grande público dentro e fora dos festivais, participando de dezenas de mostras e debates. O filme teve uma ótima repercussão, visibilizando histórias e experiências de vida de pessoas LGBT que residem em Goiânia, como Letícia, Rafaela, Dough Bee, Luann e Pietra, enfatizando assim a importância da representatividade e a importância de produtos audiovisuais que dialoguem com recortes de raça, gênero e sexualidade.

As entrevistas trouxeram à tona o racismo estrutural que violenta os corpos negros em nossa sociedade. Nesse sentido, confirmam como o audiovisual tem um papel importante na desconstrução de preconceitos. O filme *Duas Vezes Senzala* faz isso ao evidenciar o protagonismo negro no cinema e mostrar por meio da arte que é preciso se discutir de maneira integrada racismo e LGBTfobia, porque existem pessoas que sofrem com esses preconceitos de forma dupla, são marginalizadas por uma sociedade racista e LGBTfóbica.

Referências Bibliográficas:

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. 5. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010. 272 p.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia viva**, v. 22, p. 64-69, 2004.

ALMEIDA, Kauan. Além de preto, viado: o padrão heteronormativo de estudo sobre as masculinidades negras. **Justificando**, 2017. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2017/08/21/alem-de-preto-viado-o-padrao-heteronormativo-de-estudo-sobre-as-masculinidades-negras/>>. Acesso em: 03 de nov. de 2018.

COSTA, Alan. Bichas pretas: entre o objeto, o abjeto – poucas vezes afeto. **Correio Nagô**, 2017. Disponível em: <<https://correionago.com.br/portal/bichas-pretas-entre-o-objeto-o-abjeto-poucas-vezes-afeto/>>. Acesso em: 03 de nov. de 2018.